



Inclusive Education through Literature: Possibilities and Reflections

*Ginete Cavalcante Nunes¹; Silvana Lucena dos Santos²;
Ana Paula Custodio Ferreira³; Gilmária Henllen Gondim Gomes⁴*

Abstract: This text explores the importance of literature as a teaching tool for an inclusive, democratic education focused on humanization. Drawing on the ideas of thinkers such as Paulo Freire, Lev Vygotsky, Maria Teresa Eglér Mantoan, and Rosana Glat, it investigates how reading and literature can foster dialogue, empathy, and an appreciation for differences within the school environment. By enabling diverse representations of worlds and identities, literature serves as a powerful tool for cultivating sensitivity and critical thinking, as well as for building a fairer and more inclusive school culture. This is a qualitative, bibliographic study that prompts reflection on the roles of teachers and schools in shaping readers who value diversity as a fundamental human value.

Keywords: Children's literature. Inclusion. Education. Diversity. Empathy.

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano-(IF Sertão PE). E-mail: ginetecavalcante@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6006-9702>;

² Graduada em enfermagem pela Universidade Leão Sampaio. Pós-Graduada em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Servidora pública da Universidade Federal do Cariri (UFCA), na Pró-reitoria de Gestão de Pessoas – PROGEP, como chefe da Divisão de Pagamento de Pessoal – DPP. silvana.lucena@ufca.edu.br;

³ Bacharela em Administração de Empresas pela Faculdade Paraíso (FAP); Especialização Lato Sensu em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN), Especialização Lato Sensu em Docência e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Vale Dourado (FACPED); Mestranda em Administração pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). ana-paula.custodio@aluno.ufca.edu.br. <https://orcid.org/0009-0005-7300-8593>;

⁴ Graduação em Direito pela Faculdade Paraíso de Juazeiro do Norte e Graduação em Licenciatura Plena Em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Especialização em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Patos. Servidora técnico-administrativo da Universidade Federal do Cariri. Mestranda em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gilmaria.gondim@ufca.edu.br.

Educação Inclusiva por meio da Literatura: Possibilidades e Reflexões

Resumo: Este texto explora a importância da literatura como ferramenta de ensino para uma educação inclusiva, democrática e voltada para a humanização. A partir das ideias de pensadores como Paulo Freire, Lev Vygotsky, Maria Teresa Eglér Mantoan e Rosana Glat, investiga-se como a leitura e a literatura podem promover o diálogo, a empatia e a valorização das diferenças no ambiente escolar. A literatura, ao permitir diversas representações de mundos e identidades, é uma ferramenta potente para fomentar a sensibilidade, o pensamento crítico e a construção de uma cultura escolar mais justa e inclusiva. É um estudo qualitativo, de caráter bibliográfico, que sugere reflexões acerca da contribuição do professor e da escola na formação de leitores que valorizam a diversidade como um valor humano fundamental.

Palavras-chave: Literatura infantil. Inclusão. Educação. Diversidade. Empatia.

Introdução

A literatura, ao longo do tempo, tem se mostrado uma das mais valiosas expressões da condição humana, capaz de expressar emoções, representar identidades e fomentar uma análise crítica da realidade social. No âmbito da educação, especialmente em relação à inclusão e diversidade, a literatura desempenha uma função transformadora: ela se torna um elo entre universos, vozes e experiências diversas, fomentando a empatia e a apreciação das diferenças. Ler é mais do que decifrar letras — é relacionar-se com o outro, perceber outros olhares sobre o mundo, construir significados que sustentam a convivência democrática e o respeito entre os diferentes.

A educação inclusiva, segundo Mantoan (2015) e Glat e Pletsch (2010), deve assegurar a todos o direito à aprendizagem e à plena participação no contexto escolar, reconhecendo a diversidade como fundamental para a constituição do ser humano. Nesse sentido, a literatura surge como um poderoso recurso didático, possibilitando que estudantes de diversos contextos culturais, étnicos, físicos e cognitivos se vejam refletidos nas histórias e reconheçam que suas experiências também possuem um valor simbólico e social. Ler livros inclusivos é um passo importante para que a escola se torne um lugar mais acolhedor, onde cada diferença é vista como uma chance de aprender e conviver melhor.

Segundo Freire (1987), a leitura do mundo antecede a leitura da palavra — ler é, por isso, um ato de liberdade e conscientização. Nessa perspectiva, a literatura atua na emancipação dos indivíduos, possibilitando que eles pensem criticamente sobre sua realidade e a mudem. Vygotsky (2007) reforça essa ideia ao afirmar que o desenvolvimento humano se dá nas relações sociais e culturais; portanto, o contato com a literatura enriquece o repertório simbólico e afetivo dos alunos, favorecendo o diálogo e a empatia.

Quando a literatura entra como prática pedagógica inclusiva, a escola deixa de ser apenas transmissora de saberes e se torna um lugar de construção de sentidos e formação ética. Quando são escolhidas e contadas de maneira intencional, as histórias têm o poder de combater preconceitos, promover o respeito às diferenças e inspirar a solidariedade. Da mesma forma, a produção literária que aborda questões de inclusão — deficiência, gênero, etnia, classe social — é um meio de cultivar valores humanos essenciais, como a empatia, o respeito, a colaboração e a justiça.

Dessa maneira, este artigo se propõe a refletir sobre as potencialidades da literatura enquanto ferramenta de fomento à educação inclusiva, analisando seu papel na constituição de leitores críticos, sensíveis e engajados com a diversidade humana. Partimos da literatura como um possível meio de interligar saberes, culturas e vivências, entendida como uma estratégia pedagógica indispensável para a formação de uma escola mais democrática e mais humana. A pesquisa, de caráter qualitativo e embasada em uma revisão bibliográfica, pretende estabelecer um diálogo com autores que discutem a intersecção entre literatura, inclusão e formação cidadã, sugerindo possíveis caminhos para a consolidação de uma prática educativa que reconheça e valorize todas as formas de existência.

A Literatura como Linguagem Educadora e Emancipadora

A literatura é uma das mais importantes expressões da vivência humana, possibilitando a compreensão das complexidades da vida, das interações sociais e da formação das identidades. Mais do que um simples ato artístico ou estético, ela se apresenta como uma linguagem educativa, que possibilita o crescimento intelectual, ético, afetivo e cultural das pessoas. Ao retratar diversos contextos históricos, sociais e culturais, a literatura permite que o leitor se depare com diversas maneiras de pensar, sentir e compreender o mundo, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e humanizadora.

Nesse sentido, Antonio Candido (2004) diz que a literatura é um direito humano, por ser um elemento humanizador na medida em que forma a sensibilidade, a imaginação, a empatia, o

entendimento do outro, entre outras. Segundo o autor, viver a experiência literária enriquece a visão de mundo e potencia valores fundamentais para a vida democrática, como o respeito ao outro, a solidariedade e a justiça. Como ele diz, "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade", proporcionando ao leitor a oportunidade de experimentar, através da ficção, situações que vão além de sua realidade imediata.

A literatura tem o poder de humanizar, pois permite que o indivíduo explore diversas culturas, contextos históricos e estilos de vida, superando preconceitos e expandindo sua compreensão sobre a diversidade da experiência humana. Através dos conflitos, dos anseios, dos temores e das vitórias das personagens, o leitor vai aprendendo a se colocar no lugar do outro, a ter empatia, a reconhecer a dignidade humana. Essa vivência se mostra especialmente importante no contexto escolar, onde a educação ética deve acompanhar o crescimento cognitivo.

Segundo Paulo Freire (1987), ler literatura é um ato político e libertador. Para o educador, ler a palavra é ler o mundo, ou seja, entender um texto é também entender a realidade social, histórica e cultural que o cercou e que o produziu. Dessa forma, a literatura não é mais apenas um objeto de fruição estética, mas sim uma ferramenta de crítica e mudança social.

Freire argumenta que a educação deve ser uma prática da liberdade, fomentando o diálogo, a conscientização e a participação ativa dos indivíduos na criação de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, a literatura ocupa um lugar de destaque ao provocar a reflexão crítica sobre as estruturas sociais, as desigualdades e as diferentes formas de exclusão que permeiam a realidade. Ao se depararem com narrativas que abordam injustiças, preconceitos, discriminação ou movimentos de resistência, os alunos são levados a ponderar sobre os desafios da convivência em uma democracia e sobre como podem contribuir para a mudança social.

A literatura também estimula a autonomia do pensamento, já que não apresenta soluções imediatas, mas levanta questões, provoca interpretações e sugere diversas formas de entendimento. Cada leitura é uma experiência única, filtrada pelo saber, pelos valores e pelas experiências de vida do leitor. Como aponta Umberto Eco (2003), toda obra literária é um texto aberto, passível de diversas leituras, o que favorece um diálogo constante entre autor, texto e leitor. Isso reforça o pensamento crítico, a argumentação e a habilidade de considerar múltiplos ângulos de um mesmo fenômeno.

Ainda mais na esfera da educação inclusiva, a literatura tem um papel ainda mais crucial. A literatura tem o poder de iluminar grupos que, ao longo da história, foram marginalizados, ajudando a dismantelar estereótipos e a fomentar uma cultura que respeite e valorize as diferenças. Livros que tratam da deficiência, da diversidade cultural, das relações étnico-raciais, de gênero, do envelhecimento, dos transtornos do neurodesenvolvimento e de diversas

configurações familiares favorecem o reconhecimento das múltiplas facetas da humanidade e o fortalecimento de uma educação inclusiva na prática.

A literatura infantil e juvenil é, sobretudo, um excelente recurso pedagógico para abordar questões de empatia, cooperação, solidariedade e respeito. Quando os alunos se veem representados em personagens que lidam com questões de exclusão, preconceito ou superação, eles se tornam mais empáticos e passam a reconhecer melhor as necessidades e os talentos dos outros. Esse processo favorece a criação de ambientes escolares que se tornam acolhedores, onde a diversidade é vista como parte essencial da vida em sociedade e não como um empecilho para o aprendizado.

Nesse sentido, Martha Nussbaum (2015) defende que as humanidades, em especial a literatura, são fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos democráticos. Para a autora, a leitura literária alarga a imaginação moral dos leitores, possibilitando a eles entender outras vivências além das suas próprias e exercitar o reconhecimento da humanidade no outro. Segundo Nussbaum, uma formação que se dedica apenas ao desenvolvimento de habilidades técnicas não é suficiente para preparar cidadãos que possam existir em comunidades democráticas, diversas e inclusivas.

Literatura também contribui para o desenvolvimento da competência leitora, da linguagem, da criatividade e da argumentação, todos essenciais para a formação acadêmica e cidadã. A interpretação de obras literárias permite que os alunos reconheçam diversas perspectivas, entendam contextos históricos, façam conexões entre a ficção e a realidade e elaborem opiniões bem fundamentadas, habilidades essas que são essenciais na sociedade atual.

A intervenção do professor é crucial para enriquecer esse processo de formação dentro da escola. A escolha de obras que representem diversas culturas, identidades e vivências humanas, juntamente com práticas pedagógicas que promovem o diálogo e a reflexão, torna possível transformar a leitura em um espaço de construção colaborativa do conhecimento. Estratégias como rodas de conversa, círculos de leitura, projetos interdisciplinares, dramatizações e produções textuais criam oportunidades para que os alunos se conectem à literatura e expandam seu potencial educativo.

Assim, entender a literatura como uma linguagem que forma e liberta é também perceber seu papel na formação de indivíduos críticos, autônomos, sensíveis e engajados com os valores democráticos, dos direitos humanos e da educação inclusiva. A literatura, ao promover a troca entre distintas vivências humanas, quebra barreiras simbólicas, luta contra preconceitos e contribui para a edificação de uma escola que reconhece, acolhe e valoriza a diversidade em todas as suas formas. Por isso, mais do que um conteúdo curricular, a literatura precisa ser

entendida como ferramenta de humanização, libertação e mudança social, para formar cidadãos que possam estabelecer relações pautadas pelo respeito, pela empatia e pela justiça.

A Literatura Infantil como um lugar de Inclusão e Empatia

A literatura infantil tem um papel fundamental na formação da criança, pois estimula a imaginação, a linguagem, a sensibilidade, a criatividade e a formação de valores éticos e sociais. Para além de seu caráter lúdico, ela se revela como um valioso recurso didático, suscetível de estimular reflexões acerca da convivência entre as pessoas, do respeito às diversidades e da valorização da pluralidade. Ao trazer personagens, culturas e vivências distintas, a literatura infantil facilita o reconhecimento da diversidade presente na sociedade, configurando-se como um instrumento valioso para a promoção de uma educação inclusiva.

As primeiras experiências literárias da criança constituem momentos valiosos para a construção de sua identidade e para a promoção de atitudes de empatia e solidariedade. As narrativas evocam sentimentos, alimentam a imaginação e possibilitam que os leitores se coloquem na posição de outra pessoa, entendendo diversas perspectivas e realidades. Nesse sentido, Coelho (2000) argumenta que a literatura infantil é um dos primeiros meios pelos quais a criança é introduzida no mundo simbólico da cultura, sendo crucial na formação de valores, sentimentos e posturas em relação à vida e às interações sociais.

Quando a criança escuta histórias, ela enriquece sua visão de mundo e descobre que existem diversas maneiras de viver, pensar, sentir e agir. Esse encontro com a literatura possibilita a formação de indivíduos mais atentos e respeitosos às diversidades humanas, ajudando na luta contra preconceitos e estereótipos que, muitas vezes, são construídos socialmente desde cedo. Assim, a literatura infantil se torna um espaço valioso para fomentar a inclusão e a convivência democrática.

Em se tratando de educação inclusiva, a literatura cumpre um papel ainda mais relevante ao tornar visíveis grupos que, historicamente, foram marginalizados ou representados de maneira estereotipada. Livros que trazem personagens com deficiência, com transtorno do espectro autista, com síndrome de Down, com altas habilidades, de outras culturas, com diferentes identidades étnico-raciais, religiosas, familiares, etc., ajudam a enriquecer o olhar das crianças para a diversidade humana. Quando esses indivíduos estão no centro da história e são mostrados como detentores de direitos, habilidades e possibilidades, a literatura desafia perspectivas assistencialistas e promove uma cultura de respeito e reconhecimento.

De acordo com Mantoan (2015), a educação inclusiva é baseada na premissa de que todos têm o direito de aprender uns com os outros, levando em conta suas particularidades e capacidades. Nesse sentido, a literatura infantil é um meio didático que pode enriquecer esse processo, pois permite abordar, de maneira acessível, questões sobre convivência, acolhimento, cooperação e respeito às diferenças. Quando os estudantes se reconhecem em diferentes personagens ou entendem suas vivências, eles criam uma postura empática, percebendo que ser diferente não é um obstáculo para a participação na sociedade, mas uma característica própria da condição humana.

A teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky (2007) também sustenta que o desenvolvimento humano se dá nas relações sociais e culturais que se constroem ao longo da vida. Para o autor, aprender é sempre um ato mediado por outras pessoas e por diversos instrumentos culturais, com a linguagem ocupando um lugar de destaque entre eles. A literatura, enquanto uma das linguagens artísticas e culturais, expande as oportunidades de interação e possibilita que as crianças elaborem novos significados a respeito de si mesmas, dos outros e do mundo em que habitam.

Quando as crianças se envolvem em leituras compartilhadas, rodas de conversa, dramatizações e outras atividades interpretativas, elas também adquirem habilidades socioemocionais essenciais para a vida em grupo. Elas se tornam capazes de ouvir outros pontos de vista, comunicar seus sentimentos, resolver desavenças de forma respeitosa e entender que cada indivíduo tem sua própria trajetória, suas vivências e suas maneiras de ver o mundo. Essas experiências ajudam a cultivar a empatia, que é a habilidade de perceber e entender as emoções e necessidades do outro.

Assim como na formação da identidade de crianças de grupos historicamente marginalizados, a literatura infantil também é fundamental. Quando as crianças se deparam com figuras que refletem suas características físicas, culturais ou sociais, elas se sentem reconhecidas e apreciadas, o que fortalece sua autoestima e seu senso de pertencimento. Igualmente, crianças que não são parte desses grupos também expandem sua visão sobre a diversidade humana, respeitando diferentes modos de viver e lutando contra comportamentos discriminatórios.

Essa visão se conecta com as considerações de Antonio Candido (2004), que defende que a literatura tem um papel humanizador ao aguçar a sensibilidade, a imaginação e a habilidade de entender a vivência do outro. Quando o leitor se depara com diversas narrativas, sua perspectiva de mundo se expande e ele passa a cultivar valores imprescindíveis para a vida em uma democracia, como o respeito, a solidariedade, a justiça e a responsabilidade social.

Paulo Freire (1987) também afirma que a educação deve ser um meio para desenvolver indivíduos críticos e que reconhecem sua função na mudança da realidade. Sob essa ótica, a literatura infantil não pode se restringir ao divertimento, mas deve se configurar como uma prática educativa voltada para a emancipação humana. Quando tratam de inclusão, diversidade, preconceito, direitos humanos, convivência, cidadania, as narrativas se transformam em ferramentas para uma reflexão crítica sobre a realidade social e para a edificação de uma cultura de paz.

A literatura infantil também serve como uma aliada na efetivação de relevantes políticas educacionais brasileiras voltadas para a educação inclusiva e a valorização da diversidade, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas. A seleção intencional de obras que representem diversas identidades e culturas enriquece as práticas educativas, tornando-as mais justas, inclusivas e respeitosas dos direitos humanos.

Nesse sentido, é o professor quem deve atuar como mediador da leitura, criando situações de aprendizagem que favoreçam o diálogo, a reflexão e o respeito às diversidades. Estratégias metodológicas como a leitura compartilhada, os círculos de leitura, a contação de histórias, as dramatizações, as produções artísticas e as atividades interdisciplinares são capazes de potencializar a dimensão inclusiva da literatura infantil, favorecendo a criação de ambientes escolares que sejam acolhedores e democráticos.

Dessa forma, a literatura infantil se apresenta como um dos mais eficazes instrumentos para a construção da educação inclusiva, permitindo que as crianças vejam a diversidade como um valor e cultivem posturas pautadas na empatia, no respeito e na solidariedade. Oferecendo vivências significativas que conectam distintas realidades humanas, ela ajuda a formar indivíduos mais conscientes, sensíveis e dedicados à construção de uma sociedade que seja justa, plural e genuinamente inclusiva. Nessa perspectiva, a escola que investe na literatura infantil como um meio de formação ética e cidadã cumpre ainda mais seu papel social de educar para a convivência, para os direitos humanos e para o respeito à dignidade humana.

O Professor como Intermediário da Literatura na Formulação de uma Educação Inclusiva

Para que a educação inclusiva se concretize, não basta apenas a criação de políticas públicas ou o acesso assegurado dos alunos à escola. Ela demanda, acima de tudo, abordagens

educacionais que se dedicam a reconhecer a diversidade entre as pessoas, que valorizam as diferenças e que buscam estabelecer relações fundamentadas na empatia, na comunicação e no respeito mútuo. Nesse sentido, o professor é um personagem-chave como intermediário entre o texto literário, o leitor e a realidade social, fazendo da literatura um meio potencial para uma formação ética, cidadã e inclusiva.

A mediação da leitura vai além da mera decodificação do que está escrito. É o professor quem deve criar situações pedagógicas que provoquem a curiosidade, estimulem a interpretação crítica e possibilitem que os alunos façam conexões entre as histórias literárias e as suas próprias experiências de vida. Com rodas de conversa, debates, dramatizações, projetos de leitura e produções coletivas, o educador enriquece as oportunidades de aprendizado e transforma a literatura em um ambiente de discussão sobre valores humanos, direitos, diversidade e convivência democrática.

Nessa linha de pensamento, Mantoan (2015) sustenta que a inclusão escolar vai além da simples presença física do aluno na sala de aula, envolvendo também práticas pedagógicas que levem em conta suas particularidades, respeitem seus diferentes ritmos de aprendizagem e ressaltem suas potencialidades. Para a autora, a escola inclusiva é aquela que deixa para trás o ensino homogêneo e reconhece que todos os alunos têm potencial para aprender, desde que sejam oferecidas as oportunidades, os recursos e as estratégias que considerem suas particularidades.

Nesse sentido, a literatura se configura como um recurso didático de grande valor, pois permite que se trabalhem conteúdos curriculares em sintonia com o desenvolvimento de competências socioemocionais, como a empatia, a cooperação, a solidariedade e o respeito às diferenças. Quando o professor mediar a leitura de livros que tratam da deficiência, do transtorno do espectro autista, das relações étnico-raciais, das diferenças culturais, da diversidade familiar etc., ele estará possibilitando aos alunos uma reflexão crítica sobre preconceitos, estigmas e desigualdades sociais.

Segundo Antonio Candido (2004), a literatura é uma forma de humanização, pois possibilita ao leitor vivenciar diversas experiências humanas, o que aumenta sua sensibilidade e compreensão em relação ao próximo. De acordo com o autor, "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade", o que contribui para a formação de indivíduos mais solidários e dedicados à dignidade humana. Essa função é de extrema importância no âmbito da educação inclusiva, onde o respeito à diversidade é um princípio essencial na prática educativa.

Assim também, Paulo Freire (1987) vê o ato de ler como uma prática de conscientização e libertação. De acordo com o autor, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", ou seja, é

fundamental que a compreensão dos textos esteja ligada à interpretação crítica da realidade. Portanto, ao estimular a leitura de histórias que abordam injustiças, exclusões e várias formas de discriminação, o professor ajuda os alunos a formarem uma visão crítica em relação à sociedade e a adotarem uma postura engajada na busca por mudanças sociais.

De acordo com Glat e Pletsch (2010), a inclusão no ambiente escolar está atrelada à criação de métodos de ensino que respeitem as diferenças e lutem contra qualquer tipo de exclusão. De acordo com as autoras, os recursos didáticos, incluindo a literatura, têm o potencial de favorecer a inclusão quando são utilizados de forma crítica e contextualizada, estimulando debates sobre preconceito, igualdade de oportunidades, participação e cidadania. Nesse aspecto, a leitura não é só uma atividade de natureza linguística, mas um meio de educação ética e social.

A literatura também contribui para o desenvolvimento das competências que estão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo as que dizem respeito à prática da empatia, da cooperação, da responsabilidade, da argumentação e do respeito aos direitos humanos. Ao abordar obras que representam diversas identidades e culturas, o professor ajuda os alunos a entender que a diversidade é parte essencial da sociedade e que todas as pessoas têm a mesma dignidade e o mesmo direito de serem reconhecidas.

Considerações Finais

Ler literatura, na acepção de prática social, cultural e pedagógica, constitui um dos mais eficazes instrumentos para se lograr uma educação efetivamente inclusiva. Sua atuação vai além da formação das competências leitoras e escritivas, incluindo a formação ética, estética, emocional e cidadã dos indivíduos. A literatura, ao oferecer acesso a diversas narrativas, culturas, identidades e estilos de vida, alarga os horizontes de quem lê, promove a compreensão da complexidade da experiência humana e ajuda a formar uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Este trabalho demonstrou que a literatura é um meio poderoso para fomentar a inclusão, permitindo que crianças, jovens e adultos vejam a diversidade como parte integrante da vida em sociedade. A leitura de narrativas literárias possibilita entender emoções, experimentar simbolicamente situações diferentes da sua e aprimorar a empatia. Esse exercício de se colocar no lugar do outro aprimora a empatia, diminui preconceitos e ajuda a construir relações pautadas pelo respeito, pela solidariedade e pelo reconhecimento da dignidade humana.

É nesse contexto que a literatura infantil se torna um elemento fundamental para a educação das futuras gerações. Ao trazer personagens variados, quebrar estereótipos e apreciar

as diversas maneiras de ser, aprender e viver, ela ajuda as crianças a desenvolver, desde pequenas, uma visão favorável à diversidade humana. A presença de histórias inclusivas contribui para que valores como respeito, cooperação, justiça e acolhimento sejam cultivados, valores estes que são essenciais para a construção de uma cultura escolar que se dedique à educação inclusiva e aos direitos humanos.

Já o professor tem um papel essencial nesse processo. Enquanto mediador da leitura, ele converte o texto literário em um ambiente para diálogo, reflexão e construção conjunta do saber. Sua atuação torna a literatura algo além de um simples objeto de apreciação estética, transformando-a em uma ferramenta de conscientização, formação crítica e mudança social. Ao escolher obras que refletem diversas identidades, culturas e vivências humanas e ao adotar metodologias de ensino participativas, o educador potencia o protagonismo dos alunos e colabora para a criação de um ambiente escolar mais democrático e inclusivo.

Essa compreensão se conecta de maneira direta com Antonio Candido (2004), que argumenta que a literatura é um direito humano essencial. Segundo o autor, ela é capaz de humanizar pois estimula a sensibilidade, a imaginação e a empatia, sendo essencial para uma formação plena do ser humano. Negar o acesso à literatura é cercear uma das mais importantes facetas da experiência humana, comprometendo a formação de indivíduos críticos, sensíveis e conscientes de sua posição social.

Igualmente, Paulo Freire (1987) vê a leitura como um ato que liberta e transforma. Para ele, ler é muito mais do que decifrar palavras; é uma forma de entender criticamente o mundo, captar as dinâmicas de poder e posicionar-se ativamente frente às injustiças sociais. É nesse sentido que a literatura se apresenta como um campo fértil para a formação de leitores que identifiquem as desigualdades, apreciem a diversidade e se engajem na criação de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Em meio a um contexto de intensificação das desigualdades, da propagação de discursos de ódio e das diversas formas de exclusão que ainda se fazem presentes no ambiente escolar e na sociedade, a literatura continua a exercer seu papel de humanização e libertação. Cada livro que lemos, cada narrativa que compartilhamos, cada conversa que se origina da leitura é uma chance de reforçar valores como empatia, solidariedade, respeito e justiça social. Quando a escola incorpora a literatura como eixo estruturante de sua prática pedagógica, ela se compromete a formar leitores competentes, mas, sobretudo, cidadãos críticos, conscientes e defensores dos direitos humanos.

Logo, incentivar a literatura como um meio de alcançar a educação inclusiva é reafirmar a escola como um lugar de encontro, de escuta, de pertencimento e de transformação. Significa

reconhecer que cada história tem o poder de derrubar muros, desafiar estereótipos e criar conexões entre diversas culturas, identidades e vivências humanas. Mais que um instrumento pedagógico, a literatura é uma prática de humanização que enriquece a convivência democrática e aumenta as oportunidades de todos participarem na vida escolar e na sociedade.

Portanto, apoiar iniciativas de leitura que se dedicam à diversidade é contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, plural e inclusiva. Em um período marcado pela intolerância, exclusão e a diminuição dos laços entre as pessoas, a literatura se mantém como um gesto de resistência, esperança e mudança. Ler é identificar a humanidade no outro; é entender como viver com as diversidades; é expandir a consciência em relação aos direitos humanos; e, principalmente, é ter a convicção de que a educação tem o poder de mudar indivíduos e que essas mudanças nas pessoas podem, por sua vez, mudar o mundo.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

●

Recebido: 23/07/2026; Aceito: 29/07/2026; Publicado: 20/08/2026.